

**A EXPERIÊNCIA SOCIAL DA LESBIANIDADE REPRESENTADA NO DRAMA AUTOBIOGRÁFICO-MEMORÍSTICO EM QUADRINHOS****THE SOCIAL EXPERIENCE OF LESBIAN SEXUALITY REPRESENTED IN THE AUTOBIOGRAPHICAL-MEMOIRISTIC GRAPHIC NOVEL**

Fábio Alexandre Silva Bezerra<sup>1</sup>  
Thayse Silva da Rocha Dias<sup>2</sup>

**RESUMO:** Alison Bechdel é uma cartunista e memorista estadunidense, que publicou em 2013 sua segunda *graphic memoir*, intitulada *Você é Minha Mãe? Um drama em quadrinhos*, refletindo sobre suas relações, sua subjetividade e discutindo a sua própria identidade e sexualidade. Dessa forma, o objetivo central deste artigo é analisar como a artista representa a experiência da lesbianidade ao recriar as memórias da relação mãe-filha a partir da mobilização de recursos visuais e verbais. Para essa análise multimodal, tomamos como base o suporte teórico-metodológico proposto na gramática do design visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), enfatizando a metafunção representacional, em seus significados narrativos e conceituais a fim de analisar a representação da experiência social da lesbianidade. No tocante ao enquadramento crítico, adotamos conceitos desenvolvidos no artigo *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence* (RICH, 1980) e no capítulo *Lesbian Psychology* (ELLIS, 2015). Os resultados da análise revelam a mobilização de recursos verbo-visuais na representação da experiência da sexualidade apontando para suas dimensões subjetiva e institucional, assim como processos de invisibilização e de opressão socialmente experienciados em função da lesbianidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alison Bechdel. *Graphic memoir*. Lesbianidade. Multimodalidade.

**ABSTRACT:** Alison Bechdel is a cartoonist and memoirist from the USA, who published in 2013 her second graphic memoir, entitled *Are You my Mother? A comic drama*. In the work, she reflects on relationships, subjectivity and discusses her own identity and sexuality. Therefore, the main purpose of this paper is to analyze how the artist represents the experience of lesbian sexuality by recreating memories of the mother-daughter relationship through the mobilization of visual and verbal resources. For the multimodal analysis, the theoretical and methodological support of the grammar of visual design (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) was used, focusing on the narrative and conceptual meanings in the representational metafunction to analyze the representation of the social experience of lesbian sexuality. Regarding the critical framework, concepts developed in the paper *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence* (RICH, 1980) and in the chapter *Lesbian Psychology* (ELLIS, 2015) were adopted. Overall results indicate the mobilization of verbal-visual resources to represent the social experience of lesbian sexuality signaling the subjective and institutional dimensions of sexuality, as well as the socially experienced processes of invisibility and oppression in terms of lesbian sexuality.

**KEYWORDS:** Alison Bechdel. Graphic memoir. Lesbian Sexuality. Multimodality.

---

<sup>1</sup> Doutor em Língua Inglesa e Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Catarina. PhD em Linguística pela *University of Sydney*. Professor Associado do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, onde lidera o GEPLAM – Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguística Sistemico-Funcional, Análise Crítica do Discurso e Multimodalidade/Multiletramentos (UFPB/CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3383-0188>. E-mail: fabes10@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Mestranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, e licenciada em Letras-Ingês pela mesma instituição. Membro do GEPLAM – Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguística Sistemico-Funcional, Análise Crítica do Discurso e Multimodalidade/Multiletramentos (UFPB/CNPq) e do GRIFES – Grupo de Estudo sobre Crítica Feminista Estadunidense. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7361-3666>. E-mail: tayase@gmail.com.

## 1 Introdução

Como definições do verbete *experiência*, encontramos termos como *aprendizado* e *vivência* para sugerir o conhecimento subjetivo e social que nos constitui na medida em que experienciamos o mundo (DICIO, 2021). No âmbito dos estudos identitários/*queer* e da crítica feminista, o termo *experiência* aparece como um conceito-chave para abarcar a complexidade das dinâmicas que se estabelecem entre identidades e normas socioculturais e institucionais, especialmente no tocante ao papel da linguagem nessas relações (LIVIA; HALL, 1997; LOURO, 2020; MISKOLCI, 2020; RICH, 1980, 1995; COLLINS, BILGE, 2006). Segundo Rich (1995), somos moldados por nossas experiências, rebeliões, conformidades e, principalmente, pela ordem social em que nos inserimos, de forma que construímos e reconstruímos nossa ótica de análise do mundo a partir de um *continuum* de vivências. Em sua célebre obra, Beauvoir (1967) direciona as experiências vividas ao questionar a passividade imposta às mulheres, analisando a inferiorização desse *segundo sexo* e discutindo a relação entre subjetividades para questionar concepções hegemônicas da filosofia e da psicanálise contemporâneas. Na *graphic memoir* “Você é Minha Mãe? Um drama em quadrinhos”, a cartunista e memorista estadunidense Alison Bechdel (2013, p. 188) retoma suas anotações de uma palestra de Adrienne Rich ao escrever que “o momento em que a emoção adentra o corpo é um momento político”, explicando que a lesbianidade e a determinação de não renegar sua identidade a impediram de ser conformista.

Alison Bechdel é reconhecida na contemporaneidade por retratar, em suas obras<sup>3</sup>, uma multiplicidade de experiências, discutindo questões profundas sobre sua família, sua vida social, sua infância, seus traumas, sua sexualidade e suas relações. Na *graphic memoir* “Você é minha mãe? Um drama em quadrinhos”, Bechdel (2013) nos apresenta uma narrativa multimodal que, ao se afastar da cronologia, é construída pelo movimento entre presente e passado. Manobrando o *timing* da narrativa, ela nos leva a transitar por diversos momentos na intimidade de suas vivências, analisando suas relações afetivo-românticas e, especialmente, os conflitos na relação com sua mãe. Ao longo da obra, Bechdel (2013) se autorrepresenta como personagem de suas memórias e reflete sobre sua identidade e suas relações. Desse modo, ao mesmo tempo em que discute a relação mãe-filha, a autora analisa aspectos subjetivos de sua identidade e de sua lesbianidade (UTELL, 2020). Ademais, a intertextualidade é um ponto de destaque nessa *graphic memoir*, especialmente por utilizar como referência teórica os conceitos desenvolvidos pelo psicanalista britânico Donald Winnicott (1953), por meio dos quais Bechdel (2013) nomeia cada um dos sete capítulos da obra.

Sendo assim, como objetivo geral, ao articular referenciais teórico-críticos sobre sexualidade, este artigo analisa a representação das memórias de Bechdel (2013) sobre a experiência social da lesbianidade a partir de seus aspectos socioculturais e institucionais. Para tanto, mobilizamos a rica interface entre os estudos literários e linguísticos ao utilizar um suporte teórico-metodológico interdisciplinar e multimodal, dialogando também com estudos contra-hegemônicos sobre gêneros e sexualidades.

Nesse sentido, traçamos os seguintes objetivos específicos: 1) descrever os significados representacionais do texto multimodal sobre a experiência social da lesbianidade em um enxerto da *graphic memoir*, e 2) discutir criticamente os resultados da análise multimodal à luz dos estudos identitários/*queer* e da crítica feminista. Para a consecução

---

<sup>3</sup> As tirinhas *Dykes To Watch Out For* (1983-2008) que contam a história de um grupo de amigas lésbicas na comunidade LGBTQIA+, bem como a renomada *graphic memoir Fun Home: Uma Tragicomédia Familiar* (2006), que enfatiza sua relação com o pai, Bruce Bechdel, refletindo sobre as exigências socioculturais vivenciadas por ele no contexto tradicional e conservador de uma cidade também conservadora.

desses objetivos, alguns procedimentos de pesquisa foram estabelecidos, que são descritos a seguir.

## 2 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, e de caráter interpretativo, se debruça sobre a representação da experiência social da lesbianidade em um excerto da obra *Você é Minha Mãe?* (2013), analisando a mobilização de recursos verbo-visuais e discutindo os sentidos construídos a partir das escolhas da autora à luz dos estudos críticos sobre identidades, sexualidade e lesbianidade. Por conseguinte, a escolha do excerto ocorreu a partir de uma leitura crítica da obra, tendo como critério a sua relevância em relação ao tema central de análise. Após essa etapa, selecionamos o excerto em que Bechdel (2013) representa uma experiência cotidiana vivenciada a partir do encontro com sua namorada Eloise em seu local de trabalho. Ao utilizar esse trecho da obra, buscamos dialogar sobre o tema da lesbianidade por meio da análise de um evento multimodal, discutindo, a partir da representação e da análise dessa experiência, aspectos socioculturais, institucionais e normativos.

Para a análise multimodal, tomamos como base a teoria-instrumental de Kress e Leeuwen (2006), publicada no livro *Reading Images: The Grammar of Visual Design*, que fornece instrumentos para a investigação sistematizada da mobilização dos recursos multimodais, dentro os quais enfatizamos a metafunção representacional<sup>4</sup>, em seus significados narrativos e conceituais. Ademais, apresentamos, ao longo do artigo, duas tabelas de síntese: a Tabela 1, que sintetiza conceitos e categorias de análise da metafunção representacional; a Tabela 2, que, por sua vez, sintetiza a análise do excerto selecionado (Fig. 1). Ressaltamos que, para esta análise, não categorizamos o texto narrativo da *graphic memoir* como um processo mental, mas como uma voz narrativo-reflexiva que analisa os acontecimentos e experiências representados nos quadros. No tocante à base teórico-crítica, utilizamos, principalmente, conceitos abordados no capítulo *Lesbian Psychology* (ELLIS, 2015), que integra o livro *The Palgrave Handbook of the Psychology of Sexuality* (RICHARDS; BAKER, 2015), no artigo *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence* (RICH, 1980), e no livro *Intersectionality* (COLLINS; BILGE, 2006).

Ainda sobre o recorte feito para as análises apresentadas neste artigo, outro motivo para a decisão de analisar apenas um trecho do livro se deve ao fato de que, para que seja caracterizado *fair use*, segundo a legislação estadunidense (país de origem da autora detentora dos direitos da obra), apenas porção limitada pode ser utilizada. De acordo com a Seção 107 da Lei de Direitos Autorais dos EUA, “o uso justo de uma obra protegida por direitos autorais, (...) para fins como crítica, comentário, reportagem de notícias, ensino (...), estudos ou pesquisa não é uma violação de direitos autorais” (EUA, 2020, p. 19, tradução nossa). Ademais, tratando das limitações aos direitos autorais, a Lei nº 9.610 (BRASIL, 1998), que regulamenta direitos autorais em território brasileiro, também tem previsão de uso nesses termos, visto que, em seu Art. 46, especifica ser permitida:

III - a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra.

---

<sup>4</sup> Para uma apresentação ilustrada, também em língua portuguesa, dos principais conceitos e das categorias de análise mais relevantes das três metafunções da gramática do design visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), especialmente para o desenvolvimento de projetos de multiletramentos, sugerimos a leitura de Nascimento, Bezerra e Heberle (2011).

(...)

VIII - a reprodução, em quaisquer obras, de pequenos trechos de obras preexistentes, de qualquer natureza, ou de obra integral, quando de artes plásticas, sempre que a reprodução em si não seja o objetivo principal da obra nova e que não prejudique a exploração normal da obra reproduzida nem cause um prejuízo injustificado aos legítimos interesses dos autores.

### 3 Multimodalidade: a gramática do design visual

No livro *Reading Images: The Grammar of Visual Design*, Gunther Kress e Theo van Leeuwen (2006) propõem categorias analíticas que evidenciam processos de construção de sentido que ultrapassam a histórica ênfase apenas no texto verbal em práticas de leitura. Em sua gramática do design visual (GDV), os autores refutam a concepção da imagem como uma linguagem transparente e enfatizam que “o componente visual de um texto é uma mensagem estruturada e organizada de forma independente, conectada ao texto verbal, mas de forma nenhuma dependente dele – ou vice versa” (KRESS; LEEUWEN, 2006. p. 18, tradução nossa). Nesse sentido, Kress e Leeuwen (2006), a partir de uma extrapolação de conceitos propostos na gramática sistêmico-funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), também propõem tratar do texto não verbal em termos de três metafunções que se inter-relacionam no texto multimodal: metafunção de representação, metafunção de interação e metafunção de composição. A metafunção representacional, que será detalhada nessa seção, tem como foco os recursos visuais utilizados para representar acontecimentos ou ações; a metafunção interativa analisa as relações sociais estabelecidas entre a imagem e as/os leitoras/es; e a metafunção composicional investiga a inter-relação entre elementos representacionais e interativos no todo composicional.

Vale salientar que, apesar da divisão entre metafunções, os sistemas da GDV não são mutuamente excludentes, portanto uma mesma imagem tem potencial para vários níveis de análise pela inter-relação das suas estruturas na composição das representações e das interações. Entretanto, para este trabalho, utilizamos apenas a metafunção representacional, sintetizada na Tabela 1, tendo em vista o objetivo de analisar o excerto da *graphic memoir* especificamente em seu caráter representacional.

A metafunção representacional lida com a representação visual de acontecimentos e experiências, sendo subdividida em duas dimensões: representações narrativas e representações conceituais. A representação narrativa descreve a imagem em termos de ações e acontecimentos, localizados em circunstâncias específicas, para investigar a conexão entre vetores (indicadores de ação e/ou movimento) e as/os participantes da representação. Já a representação conceitual ocorre na ausência de vetores, e de circunstâncias evidentes, deslocando o foco de análise para “os padrões conceituais que representam participantes em termos de classe, estrutura ou sentido” (KRESS; LEEUWEN, 2006, p. 59, tradução nossa). As/os participantes, por sua vez, são categorizadas/os com ator ou meta a partir de sua posição na ação, ou seja, de onde parte o vetor e a quem se dirige. Por conseguinte, essa categorização das/os participantes também indica o tipo de processo transacional ou não transacional representado na imagem, a saber: processos acionais, processos reacionais, processos mentais e processos verbais.

No processo acional transacional há a presença de, no mínimo, dois/duas participantes (ator e meta) na imagem e do vetor indicador de direção/movimento, enquanto no processo acional não transacional, há apenas a representação de um/a participante envolvida/o no processo, como ator ou meta. No caso dos processos reacionais, o vetor é formado pela linha do olhar de um/a ou mais participantes que podem ser classificadas/os

como reagente ou fenômeno de um processo reacional transacional ou não transacional, unidirecional ou bidirecional a depender da existência ou não de contato visual mútuo.

Kress e Leeuwen (2006, p. 68, tradução nossa) também apresentam os processos mentais e verbais constituídos a partir de um tipo especial de vetor que se realiza pelas “saliências oblíquas dos balões de pensamento e de fala que conectam o desenho de falantes ou pensantes à sua fala ou pensamento”, sendo frequentemente encontrado nos quadrinhos. No caso dos processos mentais, a/o participante que experimenta determinado fenômeno mental é classificada/o como experienciador/a. Já nos processos verbais, a/o participante de quem emana determinado enunciado será a/o dizente e a quem o enunciado se dirige será a/o recipiente.

Nas representações conceituais, os autores analisam uma “essência mais generalizada, ou relativamente estável e atemporal”, bem como a “classe, estrutura ou sentido” da representação (KRESS; LEEUWEN, 2006, p. 79 - tradução nossa). Logo, a organização das/os participantes no conjunto conceitual, em detrimento da presença de vetores, assume uma posição central. As representações conceituais são realizadas a partir de três tipos de processos: processos classificatórios, processos analíticos e processos simbólicos.

Nos processos classificatórios, investigamos a relação entre participantes de um determinado grupo: os superordenados, com poder de classificação, os interordenados no nível médio, e os subordinados no nível inferior. Já nos processos analíticos, o foco está em “identificar a/o portador/a e permitir que leitoras/es examinem os atributos possessivos”; por esta razão, a/o portador/a frequentemente se destaca dos demais elementos da imagem (KRESS; LEEUWEN, 2006, p. 89, tradução nossa).

Na última classificação tipológica da representação conceitual, os processos simbólicos apontam para a representação do sentido ou da identidade das/os participantes por meio de dois subtipos de processos: os processos simbólicos atributivos e os processos simbólicos sugestivos. O primeiro subtipo ocorre quando o/a portador/a tem seu sentido, ou identidade, representado pelos atributos simbólicos presentes na imagem. No segundo tipo, contudo, há apenas a presença do/a portador/a e o sentido (ou identidade) é construído e conferido a partir da mobilização de recursos como cor, foco, luz e contraste, indicando uma atmosfera ou uma essência. Dessa forma, enquanto nos processos simbólicos atributivos a identidade ou o sentido é representado como parte integrante da/o portador/a, nos processos simbólicos sugestivos a atribuição de sentido externo ao/a portador/a (KRESS; LEEUWEN, 2006).

**Tabela 1: Síntese da metafunção representacional**

METAFUNÇÃO REPRESENTACIONAL			
REPRESENTAÇÃO NARRATIVA	TIPOS DE PROCESSOS		PARTICIPANTES
	ACIONAL	Transacional	Ator e Meta + Vetor (bidirecional ou unidirecional)
		Não transacional	Presença de um/a participante: Ator + vetor
		Vetor: orientação corporal e/ou instrumentos utilizados.	
	REACIONAL	Transacional	Reagente/Fenômeno + vetor (bidirecional ou unidirecional).
		Não transacional	Reagente ou Fenômeno + vetor.
		Vetor formado pela linha do olhar das/os participantes.	
	MENTAL	Envolve duas/dois participantes: Experienciador/a + Fenômeno.	
		É realizado pelo balão de pensamento.	
	VERBAL	Dizente + Enunciado (pode haver também a/o participante Receptor/a).	
Realizado pelo balão de fala.			
TIPOS DE PROCESSOS		PARTICIPANTES	

REPRESENTAÇÃO CONCEITUAL	CLASSIFICATÓRIO	Superordenada/o (poder de classificação) + Interordenadas/os (nível médio) + Subordinadas/os (nível inferior).
		Analisa a relação entre as/os participantes de determinado grupo.
	ANALÍTICOS	Portador/a + Atributos Possessivos.
		Analisa as/os participantes na relação parte-todo.
	SIMBÓLICOS (Atributivos)	Portador/a + Atributos Simbólicos.
		Considera identidade ou sentido como parte do/a Portador/a.
	SIMBÓLICOS (Sugestivos)	Portador/a + outros elementos (cor, saliência, símbolos culturais).
		Analisa como a identidade (ou sentido) é conferida ao/a Portador/a.

Fonte: Autoria nossa.

Tendo descrito as categorias de análise dos significados representacionais do texto multimodal, delineamos, a seguir, conceitos basilares dos estudos identitários/*queer* e da crítica feminista que também dão sustentação às análises apresentadas neste artigo.

#### 4 A experiência social da lesbianidade

No artigo *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence*, Adrienne Rich (1980) analisa como a presunção da heterossexualidade, baseada na ideia de uma orientação sexual inata, estigmatiza outras sexualidades ao posicioná-las como desviantes. Como ponto central, ela discute o caráter institucional e compulsório da heterossexualidade, analisando os métodos de coerção e as pressões criadas pela naturalização de determinada orientação sexual. Similarmente, Judith Butler (2003; 2004) aborda o conceito da heterossexualidade compulsória para discutir tanto a concepção de um modelo heterossexual natural ou primário, quanto os processos regulatórios dessa instituição que, por sua vez, não se direciona apenas à sexualidade, mas que busca, compulsoriamente, estabelecer uma coesão entre gênero, desejo e sexo a partir da binariedade de gênero e da ideia opositiva do desejo (heterossexual).

No artigo *Heterosexuality*, Panteá Farvid (2015) desenvolve o conceito da heteronormatividade como uma sucessão conceitual que expande a heterossexualidade compulsória proposta por Rich (1980), utilizando a heteronormatividade para se referir a práticas culturais, jurídicas e institucionais que agem em prol da normatividade mediante uma pressuposta equivalência entre gênero e sexo biológico, em uma concepção binária que sustenta que a atração sexual ocorre, necessariamente, em uma relação opositiva de gêneros. Alisa Grigorovich (2014, p. 84) retoma essa discussão para explicitar que os gêneros são socialmente construídos não apenas em relação a determinadas características socioculturais, mas também nas próprias relações cotidianas, opondo-se, assim, a uma perspectiva normativa que afirma ser “o desejo pelo homem [que] faz alguém mulher e vice versa”.

Em seu artigo, Rich (1980) também questiona o porquê de trabalhos que se propõem a discutir temas como gêneros, maternidades, sexualidades e normas sociais, frequentemente desconsideram a influência e o poder compulsório da instituição da heterossexualidade. Sobre esse ponto, no capítulo *Lesbian Psychology*, Ellis (2015) relata a experiência de uma mulher lésbica que, quando questionada durante uma consulta médica sobre ter uma vida sexual ativa, percebeu que o médico, na verdade, buscava saber se ela era heterossexualmente ativa.

Dialogando com Kathleen Gough (1975), Rich (1980) lista e discute os métodos por meio dos quais o patriarcado se manifesta e é mantido, entre eles: explorar a força de trabalho das mulheres controlando suas realizações por meio das instituições da maternidade, do casamento e do controle sobre seus corpos (aborto, esterilização e parto); impedir seus movimentos, tanto de forma simbólica, com códigos de vestimenta, como de forma literal, em práticas como assédio sexual e segregação horizontal no trabalho; por excluí-las de

amplas áreas do conhecimento e de aspectos culturais em virtude de estereótipos que delimitam profissões/áreas/possibilidades; e pela falta de apoio e pela discriminação no trabalho. Em virtude dessa confluência de forças e do poder normativo das instituições, as crianças, ainda na tenra infância, são expostas a normas socioculturais de gênero e compreendem, compulsoriamente, a voz e a presença masculina como dominantes (RICH, 1995).

Discutindo sexualidade lésbica, Ellis (2015) apresenta um estudo britânico sobre gestão de identidade no ambiente de trabalho (MCDERMOTT, 2006), que aponta que mulheres lésbicas trabalhadoras são frequentemente pressionadas a aceitar a possibilidade heterossexual como estratégia de sobrevivência. De acordo com a autora, na cultura ocidental, a presunção da heterossexualidade obriga muitas mulheres lésbicas (e demais identidades não normativas) a sair do armário<sup>5</sup> constantemente, gerando uma pressão psicológica e emocional latente em diversas situações sociais (ELLIS, 2015). Além disso, a inviabilização das mulheres lésbicas é também uma forma de drenar suas energias que, por sua vez, se esvaem em virtude da pressão social para que ocupem o lugar exaustivo da autonegação e do apagamento na manutenção de uma dupla identidade (RICH, 1980).

De acordo com Rich (1980), no ambiente de trabalho, bem como em outras situações sociais, muitas mulheres são forçadas a aceitar, diariamente, e em ampla escala, abusos físicos e psicológicos para manter sua sobrevivência. Por conseguinte, ela afirma que o preconceito heterossexista não só impede a mulher lésbica de se assumir, mas obriga-a a esconder-se por negar sua identidade e/ou sua vida afetiva como forma de manter o trabalho, e questiona a imposição de códigos de conduta e vestimenta às mulheres. Portanto, para ela, tanto a heterossexualidade quanto a maternidade precisam ser analisadas e reconhecidas como instituições políticas, inclusive (e principalmente) quando objetivamos defender existências e experiências não normativas.

Em seu artigo, Rich (1980, p. 648-649) propõe dois termos-chave para tratar da lesbianidade: existência lésbica e *continuum* lésbico. O primeiro abarca a existência histórica e a rejeição à heterossexualidade compulsória como um ato de resistência ao patriarcado; o segundo, por sua vez, envolve um espectro de experiências de identificação e de troca de energia entre mulheres, incluindo vínculos intensos e profundos que, historicamente, constroem uma rede prática, psicológica, emocional e política de suporte mútuo. Entretanto, no âmbito da filosofia e da psicanálise, a existência lésbica é frequentemente relacionada à fuga de abusos e violências, o que acaba por reduzir a lesbianidade a um escape, anulando, assim, a poderosa carga de energia e o suporte que flui entre as mulheres.

Paralelamente, Ellis (2015, p. 120-121) enfatiza que as experiências de mulheres lésbicas não são as mesmas das mulheres que tem sua heterossexualidade socialmente reforçada e, por sua vez, também diferem das experiências dos homens gays<sup>6</sup>, enfatizando o caráter múltiplo das experiências a partir de aspectos identitários como raça, gênero, classe, etnia, corporeidade, sexualidade etc. No livro *Intersectionality*, Collins e Bilge (2016) discutem a complexidade das experiências, ressaltando que eventos, identidades e condições, sejam sociais, políticas e/ou pessoais, são transpassadas por forças múltiplas e entrecruzadas que se influenciam e se modificam mutualmente.

---

<sup>5</sup> Sobre essa questão, sugerimos a leitura do importante artigo de Eve Sedgwick (2007) intitulado *A epistemologia do armário*, publicado originalmente em 1993, em que a autora denuncia “uma ignorância já institucionalizada” (p. 36) sobre outras subjetividades.

<sup>6</sup> Por exemplo, Ellis (2015, p. 120-121) cita que as abordagens na terapia de casal são majoritariamente baseadas em relações normativas e heterossexuais [poderíamos incluir cisgênero] que consideram o efeito de espelhamento em casais homoafetivos em virtude das normas de gênero, e resalta a necessidade de uma análise profunda das diferenças entre mulheres lésbicas e heterossexuais (sejam casais, trisais ou indivíduos).

Por fim, em relação à saúde mental, Ellis (2015) explica que mulheres lésbicas experimentam, frequentemente, quadros de depressão advindos da falta de suporte e de amparo por parte dos amigos e da família. Entretanto, atendendo ao conceito de *continuum*, podemos evidenciar essa carga de energia erótica e difusa, descrita por Lorde (*apud* Rich, 1980, p. 650) como a “omnipresente troca de prazer, seja físico, emocional ou psíquico” que, através da união e do suporte mútuo, se constitui como uma rede de apoio contra a “resignação, o desespero, o autodesprezo e a depressão”.

Tendo descrito a base teórico-metodológica para a análise do excerto em sua dimensão textual multimodal, assim como o suporte teórico-crítico para a discussão dos resultados dessa análise verbo-visual, passamos, a seguir, para as análises propriamente ditas.

## 5 Análise multimodal da lesbianidade como experiência social

Na *graphic memoir*, Bechdel (2013, p. 57) discute o conceito de Winnicott (1953, p. 93), elaborado no artigo *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais*, onde o psicanalista argumenta que “a mãe, no princípio, através da adaptação que se aproxima de total, propicia ao bebê a oportunidade da ilusão de que o seio dela faz parte do bebê”. De acordo com a voz narrativa, os bebês buscam em outros comportamentos, objetos ou pessoas, uma relação transicional ao perceberem “que existem à parte da mãe” (BECHDEL, 2013, p. 56). Pelo uso do objeto transicional, as crianças preenchem essa “área intermediária entre o subjetivo e o objetivo”, de forma que “a mãe é a precursora do objeto transicional” (BECHDEL, 2013, p. 56-57). Bechdel (2013) discute a teoria do *Objeto Transicional* quando revela que ela e Eloise escolheram como apelido de casal o nome que remete ao seu ursino de infância: “Teti” e “Tetinho”. Comentando esse fato, a voz narrativa discute os estudos de Winnicott em que o psicanalista trata da significância do nome que a criança dá aos primeiros objetos.

No segundo capítulo da *graphic memoir*, intitulado *Objetos Transicionais*, Bechdel (2013) lida com temas como sonhos, repressão, igreja, ansiedade, frustração, autoimagem e lesbianidade. No excerto analisado, ela reconstrói as memórias da sua terapia e, refletindo sobre sua depressão, representa uma cena cotidiana do seu relacionamento com Eloise (Fig. 1), que nos fornece elementos para analisar a experiência social da lesbianidade. Por conseguinte, por meio da voz narrativa (Fig. 1), Bechdel (2013, p. 52) classifica o seu relacionamento com Eloise como “uma relação segura” ao citar sua depressão e as barreiras afetivo-psicológicas. Nessa perspectiva, o fato de o casal adotar esses apelidos se associa com a intimidade da relação entre as participantes. Além disso, o significado do termo e a conexão semântica com o seio demarca a mãe como primeiro objeto transicional, corroborando as considerações da voz narrativa sobre o relacionamento entre Alison e Eloise ser um fator atenuante para a depressão, indicando segurança emocional e amparo psicológico.

Em virtude da concepção da heterossexualidade enquanto orientação sexual natural e inata, a lesbianidade (entre outras sexualidades) é socioculturalmente percebida como desviante (BUTLER, 2003, 2004; FARVID, 2015; RICH, 1980). Como efeito, percebemos diversos processos culturais e institucionais: entre eles, o fato de relacionamentos homoafetivos não serem socialmente percebidos como naturais e, portanto, passíveis de exotização, ou analisados sempre em relação à heterossexualidade. Ao problematizar a ideia de que a lesbianidade é um refúgio contra possíveis abusos e frustrações vivenciadas na heterossexualidade, Ellis (2015) salienta um ponto muito importante: a tendência de compreender a lesbianidade sempre em relação à heterossexualidade.



Entretanto, no ponto oposto à ideia de segurança, também podemos perceber processos semelhantes quando, por exemplo, um casal heterossexual também passa por situações conflituosas, sendo, contudo, socialmente percebidos de forma diferente em relação a um relacionamento homoafetivo (ELLIS, 2015). Isso evidencia o fato de que os casais que vivenciam sexualidades dissidentes, precisamente por serem consideradas como desvio do natural, acabam tendo seus conflitos relacionais atribuídos à ruptura com a heteronormatividade como norma a ser seguida, defendida e mantida.

Nesse sentido, Ellis (2015) enfatiza que relacionamentos homoafetivos entre mulheres lésbicas são como qualquer outro relacionamento heterossexual. No entanto, os processos de marginalização vivenciados nas situações sociais não são similares àqueles vivenciados por casais heterossexuais. Portanto, em termos de subjetividade, muitas mulheres lésbicas vivenciam sentimentos conflituosos e negativos desencadeados pela leitura social dessas experiências. Diante desse quadro, na análise que se segue, discutimos mais profundamente as relações entre as subjetividades, a sexualidade e as identidades do casal representado, destacando as normas e expectativas sociais no tocante à lesbianidade e à heterossexualidade.

Figura 1: A experiência social da lesbianidade



Fonte: Bechdel (2013, p. 52).

A fim de sintetizar os resultados da análise multimodal, a partir da ênfase nas representações vistas na Figura 1, a Tabela 2 apresenta os sentidos produzidos pelo texto multimodal em seus aspectos narrativos e conceituais, que são descritos e discutidos logo em seguida, principalmente com base no suporte teórico-crítico apresentado na seção anterior.

**Tabela 2: Síntese da análise (Fig. 1)**

<b>1º QUADRO</b>
<b>REPRESENTAÇÃO NARRATIVA</b>
Proc. Acional Não Transacional: Ator: Eloise   Processo: caminhar. Proc. Acional Transacional: Ator: Eloise   Processo: segurar   Meta: caixa de ferramentas. Proc. Acional Transacional: Ator: Bechdel   Processo: segurar   Meta: cachorro. Proc. Reacional Transacional Bidirecional: Reagente: cachorro   Fenômeno: Eloise. Proc. Reacional Transacional Bidirecional: Reagente: Bechdel   Fenômeno: Eloise. Proc. Reacional Transacional Bidirecional: Reagente: Eloise   Fenômeno: Bechdel e o cachorro. <i>Background</i> : o símbolo na placa (Rota 66) indica a localização geográfica das participantes e sugere o local de trabalho de Eloise.
<b>REPRESENTAÇÃO CONCEITUAL</b>
Proc. Simbólico Atributivo: Portadora: Eloise   Atributos Simbólicos: caixa de ferramentas; boné com símbolo (66); placa (66); fachada do prédio.
<b>2º QUADRO</b>
<b>REPRESENTAÇÃO NARRATIVA</b>
Proc. Acional Transacional: Ator: cachorro   Processo: lamber   Meta: Eloise. Proc. Acional Transacional: Ator: cachorro   Processo: balançar   Meta: o rabo. Proc. Acional Transacional: Ator: Eloise   Processo: acariciar   Meta: cachorro. Proc. Reacional Transacional: Reagente: Bechdel   Fenômeno: Eloise. Proc. Reacional Transacional: Reagente: Bechdel   Fenômeno: cachorro. <i>Background</i> : A Rota 66 detalhada pelos elementos linguísticos “BUILDER’S SQUARE” e a presença de pessoas próximas a um carro com carroceria indicam o local específico das ações.
<b>REPRESENTAÇÃO CONCEITUAL</b>
Proc. Simbólico Atributivo: Portadora: Eloise   Atributos Simbólicos: Boné; fachada do prédio <i>Builder’s Square</i> .
<b>3º QUADRO</b>
<b>REPRESENTAÇÃO NARRATIVA</b>
Proc. Acional Transacional Bidirecional: Ator/Meta: Bechdel   Processo: beijar   Ator/meta: Eloise. Proc. Acional Transacional: Ator: Eloise   Processo: acariciar   Meta: nuca (Bechdel). Proc. Reacional Transacional: Reagente: cachorro   Fenômeno: Eloise/ Bechdel. Proc. Verbal: Dizente: Bechdel   Enunciado: não tá preocupada que os caras vejam a gente?   Recipiente: Eloise. Proc. Verbal: Dizente: Eloise   Enunciado: São uns toscos. Acham que você é meu namorado.   Recipiente: Bechdel. <i>Background</i> : o carro e o local de trabalho (Rota 66).
<b>REPRESENTAÇÃO CONCEITUAL</b>
Proc. Simbólico Atributivo: Portadora: Eloise   Atributos Simbólicos: Boné; placa (Rota 66). Proc. Simbólico Atributivo: Portadora: Bechdel   Atributo Simbólico: Cabelo curto.
<b>4º QUADRO</b>
<b>REPRESENTAÇÃO NARRATIVA</b>
Proc. Acional Transacional: Ator: Bechdel   Processo: dirigir   Meta: carro. Proc. Acional Transacional: Ator: Eloise   Processo: esfregar   Meta: testa. Proc. Reacional Transacional: Reagente: Bechdel   Fenômeno: Eloise. Proc. Verbal: Dizente: Bechdel   Enunciado: Você parece cansada.   Recipiente: Eloise Proc. Verbal: Dizente: Eloise   Enunciado: Tenho que me mandar daquele lugar antes que enfie um alicate na bunda de alguém.   Recipiente: Bechdel. <i>Background</i> : Apenas o carro, indicando que estão distantes do local de trabalho antes representado.
<b>REPRESENTAÇÃO CONCEITUAL</b>
Processo Simbólico Atributivo: Portadora: Eloise   Atributos Simbólicos: Boné; Etiqueta-Macacão.

5º QUADRO
<b>REPRESENTAÇÃO NARRATIVA</b>
Proc. Acional Transacional: Ator: Bechdel   Processo: dirigir   Meta: carro. Proc. Acional Transacional: Ator: Eloise   Processo: acariciar   Meta: cachorro. Proc. Reacional Não Transacional: Reagente: Bechdel. Proc. Reacional Não Transacional: Reagente: Eloise. Proc. Verbal: Dizente: Eloise   Enunciado: O que cê fez hoje?   Recipiente: Bechdel. Proc. Verbal: Dizente: Bechdel   Enunciado: Fui na terapia e comprei um livro sobre terapia   Recipiente: Eloise.
<b>REPRESENTAÇÃO CONCEITUAL</b>
Proc. Simbólico Sugestivo: a presença de atributos simbólicos de quadros anteriores é substituída por uma atmosfera representada pela ausência de cor e pelas expressões faciais das participantes, que sugerem apatia e distanciamento.

Fonte: Autoria nossa.

Na estrutura narrativa do primeiro quadro da Figura 1 (Tab. 2), as/os três participantes são reagentes de processos reacionais transacionais, sugerindo forte conexão e envolvimento por meio do contato visual. A posição de Eloise como fenômeno em dois de três processos reacionais transacionais também destaca seu papel na representação. Em relação ao cachorro, a cabeça para fora do carro e a posição da língua sinalizam que Eloise é reconhecida com intimidade e alegria, sugerindo uma atmosfera familiar de envolvimento e companheirismo. Ademais, ele é também meta da ação transacional de Alison, quando tenta conter a sua excitação ao segurá-lo no carro.

Já na estrutura conceitual do primeiro quadro (Tab. 2), os atributos simbólicos são destacados pelo contraste de tons (vermelho e cinza) representados na caixa de ferramentas, no boné, na placa e na fachada do prédio. Esses atributos indicam uma relação simbólica entre Eloise e as características atribuídas a esses objetos. Ademais, a presença do símbolo da Rota 66 no boné da participante e na placa do *background* também conectam Eloise com este lugar. Essa associação simbólica, por sua vez, é detalhada pela caixa de ferramentas, objeto que sugere uma identidade profissional atrelada a trabalho manual, que é, culturalmente, associado à concepção normativa de masculinidade. Além disso, a caixa de ferramentas é um atributo simbólico que representa a identidade de Eloise como um protótipo que desvia do *continuum* normativo feminilidade e heterossexualidade. Nesse sentido, a presunção da heterossexualidade, difundida pelo discurso de uma preferência ou orientação sexual inata e, portanto, inquestionável, posiciona expressões não normativas de sexualidades como desviantes (BUTLER, 2003, 2004; FARVID, 2015; RICH, 1980).

Na imagem, Eloise, portadora desses atributos simbólicos, é ator no processo transacional que tem a caixa de ferramentas como meta, direcionando a atenção para o objeto e produzindo um efeito atributivo na representação simbólica da sua identidade. Em termos simbólicos, a utilização da cor vermelha para destacar o tipo do veículo utilizado por Alison também funciona como um atributo (carro 4x4), que, em uma visão normativa, diverge dos símbolos, das características e dos comportamentos associados à feminilidade e à heterossexualidade.

No segundo quadro Figura 1 (Tab. 2), a intimidade entre as participantes é retomada na narrativa mediante a reação de alegria, amor e contentamento do cachorro como ator do processo acional transacional de lambar a Eloise, bem como do processo acional transacional de balançar o rabo, diretamente ligado à ação de lambar. Em uma postura recíproca, Eloise acaricia o cachorro no processo acional transacional, retribuindo o carinho recebido, enquanto essas ações representadas são, ao mesmo tempo, fenômeno da percepção de Alison (reagente) que não participa diretamente da interação. Em seu texto, Rich (1980) elabora o conceito de *continuum* lésbico para evidenciar relação entre mulheres como um contraponto à heterossexualidade compulsória e um ato de resistência ao patriarcado, enfatizando o

*continuum* espectro de experiências e a identificação entre mulheres que se constitui, historicamente, como uma rede prática, psicológica, emocional e política de apoio mútuo.

Na estrutura conceitual do segundo quadro (Tab. 2), percebemos que o destaque do boné e da fachada do prédio na cor vermelha reforça a relação entre Eloise e os atributos simbólicos, que, por sua vez, potencializam a conexão entre a portadora e o ambiente, detalhado pelo elemento linguístico *BUILDER'S SQUARE*. O *background* representado é muito relevante na análise da experiência social por ser um ambiente predominantemente frequentado por homens, reforçando, assim, uma ruptura com a expectativa sociocultural sobre mulheres heterossexuais. Nesse sentido, essa expectativa da heterossexualidade compulsória cria uma pressão para que Eloise esconda ou renegue sua identidade e/ou vida afetiva, adotando códigos de comportamento/vestimenta em conformidade com o ideal normativo de uma mulher de verdade (GRIGOROVICH, 2014; RICH, 1995).

No terceiro quadro (Tab. 2), a ação narrativa é descolada para Alison e Eloise, que são fenômenos da reação do cachorro. Nesse momento, as participantes estão envolvidas em um processo acional transacional bidirecional quando se beijam, sendo Eloise também ator em um processo acional transacional quando acaricia a nuca de Alison. Dessa forma, apesar de Eloise desempenhar um potencial semiótico maior neste quadro, as expressões faciais de ambas parecem indicar prazer e alegria. Entretanto, no processo verbal (Tab. 2), Alison enuncia sensações que contrastam com as expressões faciais, verbalizando a sua preocupação com a leitura do beijo por parte de potenciais reagentes que não são representados no texto. O processo verbal seguinte reforça a existência de reagentes que a classificam como o namorado de Eloise. Sobre esse ponto, Rich (1995) discute que, ainda na tenra infância, as crianças são impostas, de forma normativa e institucional, às normas de gênerossexualidades, percebendo, por meio dos símbolos e das relações, o poder da presença masculina na família e na sociedade.

Quando traz informações sobre a gestão de identidade no ambiente de trabalho, Ellis (2015) demonstra que mulheres lésbicas trabalhadoras são frequentemente coagidas a assumir uma posição de passibilidade heterossexual como forma de sobrevivência. Nesse sentido, a instituição da heterossexualidade compulsória produz uma confluência de forças que obriga mulheres lésbicas (e outras identidades-sexualidades) a sair constantemente do armário e ter que reafirmar sua identidade nas mais diversas experiências sociais, gerando efeitos cruéis e fortes pressões psicológico-emocionais.

Ainda no quadro três da Figura 1 (Tab. 2), a cor vermelha e o símbolo no boné e na placa funcionam como elementos que reforçam a ligação entre Eloise e o local de trabalho específico em que se insere, evidenciando o contexto em que a participante tem sua identidade questionada. A placa, por sua vez, é um atributo simbólico que remete tanto à identidade profissional quanto ao lugar, por se tratar de uma rota situada em regiões estadunidenses culturalmente percebidas como conversadoras. Além disso, Alison também é representada como portadora de atributos simbólicos que rompem com as expectativas normativas quanto a gênero e heterossexualidade, como o cabelo curto, a vestimenta e o carro (Tab. 2). Esses atributos, por sua vez, são explicitados no enunciado do processo verbal em que Eloise diz: “acham que você é meu namorado” (BECHDEL, 2013, p. 52).

Rich (1980) discute a inviabilização da lesbianidade como uma forma de, compulsoriamente, drenar a energia das mulheres ao obrigá-las a aceitar o papel de uma dupla-identidade. Portanto, é importante analisar a heterossexualidade como instituição política e buscar formas para combater os efeitos dessas (e outras) (o)pressões socioinstitucionais para, assim, evitar que identidades não normativas sigam sendo obrigadas a experienciar cotidianamente abusos físicos e psicológicos (RICH, 1980, ELLIS, 2015).

No quarto quadro da Figura 1 (Tab. 2), Eloise é ator no processo acional transacional em que esfrega a sua testa, e também fenômeno de um processo reacional que tem Alison

como reagente. A conexão entre a ação de esfregar a testa, no processo acional, e as expressões faciais, indica o desânimo e o cansaço de Eloise. Como efeito, na posição de reagente e dizente, Alison verbaliza: “você parece cansada” (BECHDEL, 2013, p. 52). Há também uma relação entre a ação de Eloise de esfregar a testa e o enunciado do processo verbal que retoma o ambiente representado nos quadros anteriores e indica a razão do desânimo: “tenho que me mandar daquele lugar antes que enfie um alicate na bunda de alguém” (BECHDEL, 2013, p. 52). Por conseguinte, o pronome demonstrativo ‘daquela’ se conecta à representação visual do *background*, indicando que as participantes se distanciaram do lugar. Além da distância, no enunciado, percebemos também os efeitos da pressão psicológica vivenciada por Eloise no ambiente trabalho possivelmente opressor, tóxico e conflituoso, do qual pretende se afastar.

Nesse sentido, percebemos, na representação da experiência de Eloise, alguns dos métodos patriarcais de controle e exploração das mulheres citados por Rich (1980), como: explorar a força de trabalho das mulheres, controlando suas possibilidades e produções; impor códigos apropriados de vestimenta que impedem seus movimentos e as excluem de áreas da cultura, e da produção de conhecimento, através de estereótipos que determinam profissões/áreas/possibilidades adequadas ou inadequadas às mulheres. Ainda no penúltimo quadro (Tab. 2), podemos perceber outro atributo simbólico: a etiqueta no macacão. A ênfase nesse atributo se realiza nos elementos linguísticos que exibem o nome da participante, identificando-a como funcionária de um determinado estabelecimento. Apesar da presença do boné, o símbolo Rota 66 já não está visível e a ação transacional de esfregar a testa afasta o boné da cabeça, o que pode indicar, simbolicamente, o desejo de se afastar do desgaste e da pressão vivenciados no trabalho.

Dessa maneira, retomamos o termo existência lésbica para discutir a resistência histórica de mulheres lésbicas ao enfrentar cotidianamente os efeitos dos métodos de controle, visto que, em determinadas situações, a existência é, em si, uma força contra-hegemônica (RICH, 1980). Sob o tema saúde mental e lesbianidade, Ellis (2015) alerta para o fato de que, muitas vezes, as mulheres lésbicas vivenciam quadros de ansiedade e de depressão em consequência da falta de acolhimento, suporte e amparo nos ciclos de amizade e na família.

No último quadro da Figura 1 (Tab. 2), destacamos a ausência de processos reacionais entre as participantes em contraste com quadros anteriores onde Eloise e Alison são reagentes ou fenômeno de processos reacionais transacionais. Nesse momento, a ação transacional em que Eloise está envolvida tem como meta o cachorro, sugerindo uma relação de carinho e apego pelo animal, mas que não se estende a Alison, também não se traduzindo nas expressões faciais. Ademais, o processo verbal em que Alison é dizente aponta para sua postura reflexiva e distante, associada à terapia e à expressão facial negativa da participante.

Nesse quadro (Fig. 1), os atributos simbólicos são substituídos por uma atmosfera construída pela ausência da cor e pelas expressões faciais de apatia e de distanciamento. O cachorro é o participante que destoa da atmosfera, sendo também meta da ação de Eloise ao acariciá-lo, possivelmente apontando para o sentido da conexão entre elas, simbolizando o relacionamento em si. Entretanto, a esse relacionamento talvez possamos conferir um estado apático pela alternância do processo simbólico atributivo para o processo simbólico sugestivo, evidenciando aspectos subjetivos da relação amorosa, e não mais dos atributos conferidos nas relações de alteridade.

É importante retomar a discussão de Collins e Bilge (2016) sobre a complexidade das relações, identidades e experiências para ressaltar que eventos, pessoas, condições, relacionamentos (sejam sociais, políticos e/ou pessoais) são atravessados por múltiplas forças que se entrecruzam, se influenciam e se modificam constantemente. Dessa maneira, é



importante evitarmos adotar um único fator como central ou hierarquizar eixos dialogam e se transformam.

No tocante à representação analisada e ao tema lesbianidade, isso significa, entre outras coisas, que as experiências (diversas e múltiplas) de mulheres cis<sup>7</sup> lésbicas são distintas das experiências (também diversas e múltiplas) de mulheres cis que têm sua heterossexualidade reforçada institucionalmente e, logicamente, diferem das experiências de homens gays e de pessoas trans (ELLIS, 2015; FARVID, 2015; GRIGOROVICH, 2014). Tendo finalizado as análises, passamos, agora, a tecer algumas considerações finais a partir do resgate dos objetivos delineados para esta pesquisa.

## 6 Considerações finais

Ao longo deste artigo, buscamos analisar a mobilização de recursos visuais para representar a experiência social da lesbianidade em um excerto da *graphic memoir* “Você é Minha Mãe? Um drama em quadrinhos”, de Alison Bechdel (2013). Com isso, pretendemos contribuir para a produção de conhecimento sobre experiências identitárias dissidentes, em um movimento contra-hegemônico, rompendo com leituras normativas e essencialistas sobre sexualidade e lesbianidade. Destacamos ainda, a importância de análises que contribuam para os estudos sobre gêneros e sexualidades, especialmente no tocante às experiências de mulheres lésbicas. Para tanto, ao longo da análise, buscamos discutir o caráter compulsório e institucional da heterossexualidade (RICH, 1980) e os efeitos subjetivos da heteronormatividade na vivência de mulheres lésbicas (ELLIS, 2015) a partir da experiência representada no excerto da obra analisada.

No que diz respeito aos modos de linguagem, percebemos que, no âmbito acadêmico-literário, as *graphic memoirs*, bem como *graphic novels* e *comic books*, enfrentam uma resistência que dialoga com as considerações de Kress e Leeuwen (2006) sobre a atribuição de *status* inferior às imagens pela ideia de transparência e de neutralidade do texto visual. Dessa forma, a análise evidencia a autonomia e os potenciais das imagens para construir sentidos mediante recursos e regularidades próprias que, uma vez sistematizadas, nos oferecem instrumentos práticos de análise.

Em relação aos resultados das análises destacamos: a) a presunção da orientação sexual inata sustentada por meio da instituição política da heterossexualidade compulsória e suas influências na experiência social representada pela artista (RICH, 1980); b) a representação da relação entre Alison, Eloise e o ambiente de trabalho, com destaque para os efeitos psicológicos, emocionais e sociais que podem impulsionar quadros de ansiedade e de depressão (ELLIS, 2015), bem como a confluência de forças que agem sobre existências não normativas pela intervenção de métodos de controle do patriarcado (RICH, 1980); c) os processos verbais desencadeados pela leitura de possíveis reagentes da ação transacional bidirecional em que se beijam, destacando termos centrais na análise como: invisibilidade lésbica, existência lésbica e *continuum* lésbico (RICH, 1980); e, por fim, d) a complexidade e o caráter interseccional das experiências, situações e identidades que, por sua vez, evidencia a necessidade de evitar leituras generalistas e essencialistas sobre experiências-identidades (COLLINS; BILGE, 2016).

Dessa forma, esperamos que este artigo, a partir da descrição e da análise das experiências representadas e vivenciadas por Bechdel (2013), possa conduzir a reflexões sobre as múltiplas e diversas experiências vivenciadas cotidianamente a partir de diferentes situações e identidades. Portanto, é vital que sejamos capazes de ampliar nossas percepções

---

<sup>7</sup> O termo cis descreve uma pessoa cuja identidade de gênero corresponde ao gênero que lhe foi atribuído no nascimento.

acerca das experiências e das identidades por meio de uma posição de escuta e de reflexão, visto que, ainda que haja o entrecruzamento de sistemas de opressão e discriminação, como racismo, homofobia, machismo, sexismo, transfobia, etc., as experiências são vivenciadas de formas particulares, sendo atravessadas por um leque de fatores socioculturais, políticos e econômicos.

## Referências

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Trad. Sérgio Milliet. 2 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BECHDEL, Alison. **Você é minha mãe?** um drama em quadrinhos. Trad. Érico Assis. 1 ed. São Paulo: Quadrinhos na CIA, 2013.
- BECHDEL, Alison. **The essential dykes to watch out for**. Boston, Nova York: Houghton Mifflin Harcourt, 2008.
- BECHDEL, Alison. **Fun home: uma tragicomédia familiar**. 1 ed. São Paulo: Quadrinhos na CIA, 2006.
- BRASIL. Presidência da República. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 20 fev. 1998. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19610.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm). Acesso em: 27 mar. 2021.
- BUTLER, Judith. **Undoing gender**. Nova York: Routledge, 2004.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Intersectionality**. Londres: Polity Press, 2016.
- DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/experiencia>. Acesso em: 26 mar. 2021.
- ELLIS, Sonja J. Lesbian psychology. In: RICHARDS, Christina; BAKER, Meg John (org.) **The Palgrave handbook of the psychology of sexuality**. Londres, Nova York: Palgrave Macmillan, 2015. p. 109-128.
- EUA. Circular 92. Copyright Law of the United States and Related Laws Contained in Title 17 of the United States Code. Junho de 2020. Disponível em: <https://www.copyright.gov/title17/title17.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2021.
- FARVID, Panteá. Heterosexuality. In: RICHARDS, Christina; BARKER, Meg John (org.) **The Palgrave handbook of the psychology of sexuality**. Londres, New York: Palgrave Macmillan, 2015. p. 92-108.
- GOUGH, Kathleen. The origin of the family. In: RAPP, Rayna (org.) **Toward an anthropology of women**. Nova York: Monthly Review Press, 1975. p. 69-70.
- GRIGOROVICH, Alisa. Pregnant with meaning: an analysis of online media response to Thomas Beatie and his pregnancy. In: GIBSON, Margaret F. (org.) **Queering motherhood: narrative and theoretical perspectives**. Canada: Demeter Press, 2014. p. 81-96.
- HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. **An introduction to functional grammar**. 3 ed. Londres: Arnold, 2004.
- KRESS, Gunther; LEEUWEN, Theo van. **Reading images: the grammar of visual design**. 2 ed. Londres: Routledge, 2006.
- LIVIA, Anna; HALL, Kira (org.). **Queerly phrased: language, gender and sexuality**. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 3 ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

MCDERMOTT, Elizabeth. Surviving in dangerous places: lesbian identity performances in the workplace, social class and psychological health. **Feminism & Psychology**, v. 16, n. 2, p. 193–211, 2006.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3 ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora; UFOP, 2020.

NASCIMENTO, Roseli; BEZERRA, Fábio; HEBERLE, Viviane. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens. **Linguagem & Ensino**, v. 14, n. 2, p. 529-552, 2011.

RICH, Adrienne. **Of woman born**: motherhood as experience and institution. 2 ed. rev. Nova York, Londres: W. W. Norton & Company, 1995.

RICH, Adrienne. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 5, n. 4, p. 631-660, 1980.

SEDGWICK, Eve. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19-54, 2007.

UTELL, Janine. Serializing the self in the space between life and art. *In*: UTELL, Janine (org.) **The comics of Alison Bechdel**: from the outside in. Jackson: University Press of Mississippi, 2020. p. xiii-xxix.

WINNICOTT, Donald. Transitional objects and transitional phenomena. **International Journal of Psycho-Analysis**, v. 34, p. 89-97, 1953.

Submetido em 28/03/2021

Aceito em 25/08/2021